

SIGNIFICADOS DA “AULA LIVRE” NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PELOTAS

Otávio Ávila Pereira¹; Mariângela da Rosa Afonso³

¹*Universidade Federal de Pelotas* – oapereira@outlook.com

³*Universidade Federal de Pelotas* – mrafonso.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Tem-se observado no decorrer do ensino fundamental, principalmente nos anos finais e no ensino médio, conforme afirma FERREIRA et al. (2014) e FORTES et al. (2012), certa tendência de alguns professores de Educação Física(EF) em ministrarem aulas somente com conteúdos esportivos (modalidades coletivas) e aulas livres, na qual os alunos decidem os conteúdos que preferem ou que mais gostam e os praticam livremente, havendo pouca ou nenhuma intervenção por parte do professor. A Aula livre, por permitir ao aluno um grande nível de liberdade sem a necessidade de intervenção do professor, também tem sido muito associada e confundida com o chamado “Largobol¹” ou “Rola-bola¹”, sendo também relatada por outros autores. (DARIDO, 2012; NASCIMENTO & GARCES, 2013)

No sentido oposto das aulas livres é possível destacar as abordagens mais tradicionais, caracterizadas por serem autoritárias e esportivizadas, ainda utilizadas nas aulas de EF, encaixando-se na categoria de aula dirigida e fechada, na qual a função do aluno limita-se a reproduzir o que lhe é solicitado. Neste tipo de abordagem, o professor configura-se como a figura central do processo, e o aluno como uma “conta bancária” onde depositam-se novos conhecimentos. A relação professor-aluno ocorre objetivando o rendimento, ignorando as reais necessidades de aprendizado dos alunos. (NETO, 2000; DARIDO, 2012)

Os estudos encontrados sobre os jogos e brincadeiras livres fazem referência aos anos iniciais do ensino fundamental, um momento no qual as crianças experienciam, conhecem e dialogam com o mundo, com os outros e consigo mesmas, propondo atividades marcadas pela incerteza e pelo acaso. (BROUGÉRE, 2003; GOMES-DA-SILVA, 2012) Ocorre que a utilização dos jogos livres com alunos de ensino fundamental e médio vem sendo alvo de constantes críticas por parte de autores diversos e estudantes da área do Ensino Superior, pois diferente das crianças, estes já “descobriram o mundo” através das brincadeiras e dos jogos, e talvez seu momento livre nas aulas não tenha mais a mesma importância e significado de outrora.

Dessa forma, este estudo propõe-se a analisar como as aulas de EF se caracterizam na escola alvo desta pesquisa, principalmente a aula livre, além de verificar qual a motivação do professor para realizá-la e a preferência e opinião dos alunos sobre a mesma, procurando compreender qual sua verdadeira função. A justificativa para a realização deste artigo reside na preocupação do autor com a maneira que a EF escolar tem sido tratada, dado seu constante contato com a realidade escolar e com o que tem observado no cotidiano das mesmas.

¹ [...]“Durante a aula, os alunos escolhem a atividade que desejam, em geral os meninos preferem jogar futebol; as meninas, vôlei ou queimada. Os alunos que não desejam realizar a aula ficam tranquilamente sentados conversando (algumas vezes, com o próprio professor), esperando dar o tempo de subirem para outra aula”. (DARIDO, 2012, p. 24)

2. METODOLOGIA

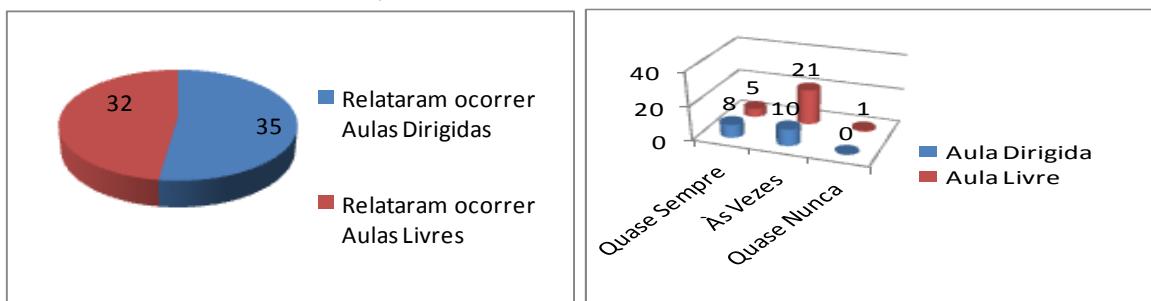
Trata-se de uma pesquisa de caráter quali-quantitativo, descritivo. Segundo MYNAIO & SANCHES (1993) estes tipos de pesquisa se complementam, podendo o estudo quantitativo gerar questões que se aprofundem no método qualitativo e vice-versa. A coleta de dados foi realizada com uma professora de Educação Física que leciona nos anos finais do ensino fundamental e com duas turmas, sendo uma um oitavo e a outra um nono ano, selecionadas ao acaso em uma escola da rede municipal de Pelotas. Para tal, utilizou-se um instrumento com questões abertas e fechadas sobre as aulas de Educação Física.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar as respostas da professora, a mesma afirma realizar tanto aulas livres quanto aulas dirigidas. Nas aulas dirigidas é ela quem determina as atividades que serão realizadas e as formas de execução. Quando questionada sobre a aula livre, a professora afirma utilizar estas aulas com o objetivo de “verificar o que os alunos mais gostam de fazer e como se relacionam”, além disso, ressalta que “infelizmente”, esta foi a única maneira encontrada para que os alunos realizassem suas aulas dirigidas. Tal afirmação denota insatisfação em dar plena liberdade aos alunos para a realização das “aulas”.

Pode-se inferir que esta é uma forma de negociação utilizada pela professora, constatando-se até certo ponto, que os alunos não gostam das aulas dirigidas por causa do conteúdo decidido pelo professor ou porque não encontram nestas o aspecto de diversão conforme eles mesmos relatam existir nas aulas livres e que levam muitos a preferirem-nas. Conforme esclarece HILDEBRANDT & LAGING (1986), as expectativas e experiências prévias dos alunos com os conteúdos das aulas podem entrar em conflito com aquilo que é estabelecido pelo professor, gerando desinteresse pelos conteúdos apresentados por este. Seja por não dominar ou por não conhecê-los.

FIGURA 01 - Caracterização das aulas FIGURA 02 - Frequência de cada aula

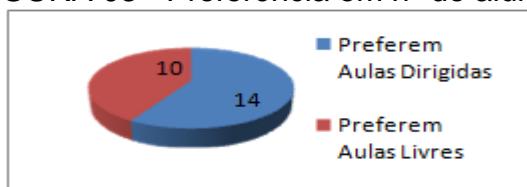


A partir da análise e dos gráficos é possível afirmar que é unânime a opinião de que os alunos têm tanto aulas dirigidas quanto aulas livres. No que diz respeito à frequência, os dados corroboram com a afirmação da professora de que uma das aulas é dirigida e a outra é livre. Percebe-se isso através da observação da predominância da opção “Às vezes” em ambos os tipos de aula.

Seguindo a análise das respostas da professora, esta destaca a falta de uma sequência de conteúdos na Educação Física Escolar, o que pode ser um agravante, já que alunos do mesmo ano, de turmas diferentes e da mesma escola podem estar aprendendo conteúdos totalmente diferentes e muito provavelmente repetidos. Algo parecido com o que ocorre no processo de aprendizado do verbo “To Be” em Inglês nas escolas públicas, os professores ensinam durante todo o

ensino fundamental, mas poucos realmente aprendem. Estabelecendo uma relação desta falta de sequência e parâmetro dos conteúdos, em uma pesquisa realizada nos EUA por VANREUSEL et al. (1997) citado por DARIDO (2004), investigou-se os motivos que levavam os alunos a não participarem das aulas no Ensino Médio. Os resultados mostraram que 73% dos 1438 alunos não participavam das aulas, pois achavam repetitivas e com pouca criatividade.

FIGURA 03 - Preferência em nº de alunos



Apesar de não haver uma preferência absoluta, ainda é possível observar que o gosto pelas aulas dirigidas ainda é maior. Pode-se destacar como motivos pela preferência de aulas Dirigidas: -Todos os alunos participam da aula (21,4%); -Aprende-se mais conteúdos (35,7%); -Outros motivos com menor grau de significância foram considerados como “uma oportunidade do professor aplicar seus conhecimentos e porque dessa forma as aulas ficam menos repetitivas”.

Em relação às aulas livres, os principais motivos que levaram a sua preferência foram: -Alunos podem fazer o que mais gostam (40%) e as Atividades são mais legais e divertidas (30%); Como último aspecto a ser observado, os 40% restantes afirmam que preferem aulas livres, porém, ressaltam aprender mais nas aulas em que o professor determina as atividades e conduz a turma. Isto confirma que os alunos estão cientes do que é mais importante para sua formação, mas não o desejam ou preferem fazer.

Ao contrário do observado na Educação Infantil (GOMES-DA-SILVA, 2014), os momentos livres nas aulas de Educação Física dos anos finais e do Ensino Médio, são utilizados como uma oportunidade de descanso ou de reprodução de jogos de sua preferência, limitando-se a prática do futsal ou do “três corta”, por exemplo. Ou seja, não há criação do novo, não há desafios para que tentem aprender algo que ainda não foi bem assimilado, como um conteúdo recente.

O Trabalho de Conclusão de Curso que originou este artigo encontra-se em fase de coleta e análise de dados, utilizando os procedimentos éticos necessários. Entretanto, seus resultados já expressam importantes questões a serem levadas em conta no cotidiano da Educação Física Escolar.

4. CONCLUSÕES

Temos vivido uma situação na qual as abordagens utilizadas por professores de EF precisam ser repensadas seriamente. Ao somar-se o que foi exposto neste trabalho, junto à situação precária em muitas escolas, em relação a materiais, estrutura, falta de sequência de conteúdos e de professores, pode-se ressaltar a importância da utilização de uma abordagem com abertura às experiências. HILDEBRANDT & LAGING (1986) Convidando e estimulando o aluno a participar do processo de planejamento, permitindo que reconheça suas necessidades de aprendizado e estabelecendo metas reais, sem que se sinta um mero objeto de intervenção do professor, além de motivá-lo a realizar aquilo que ainda não domina. E na sequência como afirma SAVATER (2000), utilizando sua autoridade, que não lhe foi dada por imposição divina e sim por gabarito, para que também possa cobrar do aluno que faça sua parte no processo.

Nesse contexto, o professor deveria aproveitar até mesmo o momento livre para contextualizar conhecimentos, desafiando os alunos para que aprendam e construam o novo, na medida em que lhes estimula a autonomia e a criatividade. Em muitos casos deu-se um passo importante, que foi o de reconhecer que o aluno também tem experiências prévias, sendo vital reflexionar se não foi dada liberdade demais sem intervir, orientar e motivar. Pois, do contrário, sem a ação do professor poderíamos nos perguntar: Que sabe uma planta sobre as necessidades da floresta?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUGERE, G. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2003.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo, p. 21-33, v. 16, 2012.

FERREIRA, M. L. D. S.; GRAEBNER, L.; MATIAS, T. S. Percepção de alunos sobre as aulas de educação física no ensino médio. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 3, p. 734-750, 2014.

FORTES, M. D. O.; AZEVEDO, M. R.; KREMER, M. M.; HALLAL, P. C. **A educação física escolar na cidade de Pelotas-RS: contexto das aulas e conteúdos**. Rev. educ. Fis/UEM, v. 23, n. 1, p. 69-78, 2012.

GOMES-DA-SILVA, P. N. A corporeidade do movimento: por uma análise existencial das práticas corporais. In: HERMIDA, J. F; ZOBOLI, FABIO. (Orgs). **Corporeidade e Educação**, João Pessoa, p.139-174. 2012

HILDEBRANDT, R.; LAGING, R. **Concepções abertas no ensino da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

MINAYO, M. C. D. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade. **Cadernos de saúde pública**, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

NASCIMENTO, B. B. D.; GARCES, S. B. B. Educação Física ou rola bola? A percepção da comunidade escolar sobre as aulas de Educação Física. **EF Deportes.com**. Revista Digital, Buenos Aires, Ano 17, Nº 178, Março de 2013.

NETO, I. B. PROPOSTAS PARA O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Caderno de Educação Física e Esporte**, M.C Rondon, v. 2, n. 1, p.87-106, 2000.

SAVATER, F. **O valor de educar**. Tradução por Mônica Stahel, Lisboa, Editorial Presença, 2000.

VANREUSEL, B.; RENSON, R.; BEUNEN, G.; CLAESSENS, A. L.; LEFEVRE, J.; LYSENS, R.; EYNDE, B. V. A longitudinal study of youth sport participation and adherence to sport in adulthood. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 32, n. 4, p. 373-387, 1997. Apud DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 18, n. 1, p. 61-80, 2004.